

A influência de São Francisco de Assis na cultura italiana dos séculos XIII e XIV

The influence of saint Francis of Assisi

in the Italian culture of the 13th and 14th centuries

Jonas Matheus Sousa da Silva*

Recebido: 06/01/20

Aprovado: 30/03/20

Resumo:

Enfatiza São Francisco de Assis para a compreensão de alegria e pobreza franciscanas e as suas influências na cultura italiana dos séculos XIII e XIV. Investiga os conceitos de alegria e pobreza nos escritos de São Francisco e nos demais escritos das Fontes Franciscanas e dicionário da área. Apresenta a figura de São Francisco nas obras de Dante e Giotto, representantes da cultura italiana nos séculos XIII e XIV, expondo breve consideração sobre a presença do duplo conceito franciscano nas obras poética e pictórica dos artistas, a partir de recente obra de M. Cacciari.

Palavras-chave: Franciscanismo. Dante. Giotto.

Abstract:

Emphasizes Saint Francis of Assisi for the understanding of Franciscan joy and poverty and its influences on Italian culture in the 13th and 14th centuries. It investigates the concepts of joy and poverty in the writings of Saint Francis and in the other writings of the Franciscan Sources and the dictionary of the area. It presents the figure of Saint Francis in the works of Dante and Giotto, representatives of Italian culture in the 13th and 14th centuries, exposing a brief consideration of the presence of the double Franciscan concept in the poetic and pictorial works of the artists, based on a recent work by M. Cacciari.

Keywords: Franciscanism. Dante. Giotto.

Introdução

São Francisco de Assis (1182-1226) continua sendo uma personalidade atual, pois é ícone que encarna e, por isso, torna-se referência de desafios e valores de uma espiritualidade realista e de um humanismo integral e universal, tais qual a questão da solução à pobreza e à fome, a construção de diálogo e comunhão com o diferente, a

* Jonas Matheus Sousa da Silva é presbítero capuchinho da Província N. Sra do Carmo. Licenciado em Filosofia pelo Instituto de Estudos Superiores do Maranhão. Coursou Teologia pela Arquidiocese de Belém (INVIZI). Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Pará.

restauração da dignidade das pessoas marginalizadas nas periferias geográficas e existenciais e a cura da *casa comum*, coligados pela Nova Evangelização da Igreja em saída. Questões que são enfatizadas de modos prático, gestual e verbal pelo bispo de Roma e papa atual que adotou o nome do *Poverello* de Assis, como símbolo das diretrizes do seu ministério petrino à Igreja e à humanidade.

São Francisco possui essa valência e poder de atração, mesmo diante daqueles que se declaram ateus ou agnósticos, pois, ao mirar como ideal supremo o mistério da humildade de Deus que se fez homem na penúria para restituir ao ser humano a alegria da comunhão com o Pai pela redenção e efusão do Espírito Santo, seguiu o evangelho de Jesus Cristo de modo radical a ponto de vencer em sua visão de mundo os resquícios da cisão platônica entre profano e divino, contemplando em todo ser humano, sobretudo nos pobres, e na natureza criada, a imagem e os vestígios de Deus. Assim, o humano e as criaturas não podem ser mais vistos na periferia, subjugados pelo peso da glória divina circundada pela hierarquia celeste e pela hierarquia eclesiástica, mas ao centro do mistério, porque o Filho eterno se fez carne (cf. Jo 1) e ressuscitado, está *sentado à direita do Pai onipotente* com essa mesma carne assumida e transfigurada. Esse novo olhar é a revolução franciscana que fala a todos e faz cultura pelos séculos.

Nesse sentido, este trabalho se propõe a enfatizar a vivência da alegria que se conjuga com a pobreza nas palavras e atos de S. Francisco que viveu essa síntese, motivado pelo Evangelho de Cristo, como imitação e seguimento do Verbo encarnado. Adiante, mostrar-se-á como Dante Alighieri e Giotto de Bondone, os dois pilares da cultura italiana nascente nos séculos XIII e XIV, receberam a novidade franciscana em suas literatura e arte pictórica, respectivamente, e como expressaram as alegria e pobreza franciscanas como fonte de uma nova síntese cultural que prepararam o Renascimento e o Humanismo.

1. Alegria e pobreza sanfranciscanas

São Francisco de Assis (1182-1226), mais que um santo católico tido por patrono da paz, da ecologia e dos pobres, é um personagem que continua a influir como modelo de humanização no mundo de hoje, prova disso é que foi eleito em votação organizada pela revista norte-americana *Time*, em 1999, a personalidade mais marcante do segundo milênio. Dentre tantos aspectos do caráter deste personagem, sobressaem-se na ênfase dos seus escritos e primeiras biografias, as virtudes da alegria e da pobreza.

1.1 Alegria em São Francisco de Assis

Nesta senda, o que é a alegria em/para São Francisco? Quanto à alegria de S. Francisco, Jacques Bougerol (1993, p. 43-48) ao redigir tal virtude por verbete no *Dicionário Franciscano*, enfatiza o temperamento do santo marcado pela liberalidade e pela alegria, afirma que tais desdobramentos têm fonte na sua simplicidade. *Francisco nunca perde de vista o singular embora contemplando o múltiplo* (BOUGEROL, 1993, p. 43). Outros fundamentos da alegria franciscana, segundo o autor, são a sua conversão baseada no encontro espiritual na meditação do mistério de Jesus Cristo e da gratuidade do dom de Deus em salvar a humanidade, por isso a alegria foi base para as ações e atitudes de S. Francisco. *Poder-se-ia dizer de Francisco que a alegria do homem está na ação [...] A alegria tudo transfigura, colocando-se acima de tudo* (BOUGEROL, 1993, p. 45). A alegria do santo de Assis provém igualmente, de seu êxtase ao considerar na criação, a natureza e a vida como dons feitos por Deus ao ser humano (cf. Chesterton, 2014, chama-o de malabarista de Deus). Desse modo, tal atitude o integra não só com a fraternidade universal e cósmica, mas, também, com a fraternidade humana, dos seus companheiros da primeira comunidade dos *Irmãos menores*, dos *Terceiros* e das *Damas pobres*, com os leprosos e marginalizados, chegando a abraçar, numa liberdade aberta, tudo que é humano, mesmo o sofrimento e a morte. *A alegria de Francisco situa-se para além da pobreza e da humilhação. Alimenta-se também da tribulação, dos sofrimentos, da morte* (BOUGEROL, 1993, p. 47).

Nos seus escritos, em *Laudes Dei Altissimi*, Francisco diz a Deus: *Tu es gaudi[um et] laetitia*” (D’ASSISI, 2002, p. 106). Nestes, a alegria é vista no próprio ser de Deus. Assim, os *Irmãos menores* devem conservar a alegria. Conforme a *Regula non bullata* (1221): *et caveant sibi quod non se ostendant tristes extrinsecus et nubilosus hypocritas, sed ostendant se gaudentes in Domino et hilares et convenienter gratiosos* (D’ASSISI, 2002, p. 266). Por isso, ele também fez escrever nas *Admonitionesi* aos seus frades que conservem a alegria na pobreza, pois: *ubi est paupertas cum letitia, ibi nec cupiditas nec avaritia* (D’ASSISI, 2002, p. 73).

Nesse sentido, a alegria franciscana, que tem sua origem na contemplação de fé da gratuidade e bondade de Deus, está unida à simplicidade e a pobreza, a exemplo de Jesus Cristo. Destarte, emergirá o segundo conceito peculiar a S. Francisco, o da Pobreza.

Nas biografias, destaca-se Tomás de Celano, que escreveu, na *Vita Secunda*, como a lembrança de Deus fez Francisco converter a sensação de asco perante os restos de comida recebidos em esmola, em alegria espiritual: *da prima senti un brivido di*

orrore; ma, poi, ricordatosi del Signore, vinse se stesso e mangiò quel guazzabuglio com Gaudio dello spirito (FONTI, 1997, p. 565). Assim, a recordação do Senhor Jesus evocava a graça de Deus em São Francisco, esta é a fonte da sua alegria espiritual para vencer as imperfeições do caráter, bem como para afugentar os espíritos diabólicos. *Questo santo assicurava Che la letizia spirituale è il rimedio più sicuro contro le mille insidie e astuzie del nemico. Diceva infatti: «Il diavolo esulta soprattutto, quando può rapire al servo di Dio il gaudio dello spirito»* (FONTI, 1997, p. 554). Assim sendo, S. Francisco chega ao conceito de *Perfeita Alegria*, uma tradição que está recolhida no VIII capítulo do «*I Fioretti*», apresenta o santo andando por uma via e dialogando com seu confrade Frei Leão; ali o santo expõe em termos práticos que essa alegria se dá em perseverar na graça de Deus e conservar a paz de espírito mesmo em meio às maiores adversidades, agressões e desprezos, mesmo os dos confrades e mais íntimos, em honra da paixão de Cristo. Por isso, *Se noi tutte queste cose sosterremo pazientemente e com allegrezza, pensando le pene de Cristo benedetto, le quali dobbiamo sostenere per suo amore; o frate Leone, iscrivivi che qui e in questo è perfetta letizia* (FONTI, 1997, p.1473).

Obtida uma perspectiva do conceito franciscano de alegria, vem à tona a indagação sobre como se dá e o que é a pobreza no pensamento de São Francisco.

1.2. O santo de Assis e a *dama Pobreza*

Conforme o verbete *Pobreza*, assinado por Lothar Hardick (1993, p. 586-599), no *Dicionário Franciscano*, a gênese da valoração da pobreza em Francisco está na escuta dos Evangelhos, nos quais se ressalta que Jesus, o Filho de Deus feito homem, viveu uma vida de pobreza com os seus apóstolos e sua mãe, bem como exortou aos seus discípulos o desapego ao dinheiro e aos bens materiais. Para Hardick (1993, p. 586): *a pobreza está, de algum modo, ligada mais ou menos a uma notável falta de bens que são colocados à disposição de todos como propriedade, consumo ou meio de trabalho*. Assim, viver a pobreza é um não possuir os instrumentais como meios de produção, cultura erudita e economia, essenciais para ascender socialmente.

Para o franciscólogo José Pedroso (1998b, p. 39), *é na interioridade que uma pessoa «ilumina as trevas do seu coração» e vai descobrindo como se transformar dia a dia em um novo Cristo. Por isso Francisco dizia que não nos devemos apropriar nem dos bens espirituais*. Neste pensamento se compreende que a decisão por viver a pobreza, em S. Francisco, tem motivação espiritual e cristológica, no entanto, a pobreza se tornou *práxis* em S. Francisco e seus companheiros, como consequência da

motivação religiosa, ao se pôr ao lado e a serviço dos hansenianos e demais pobres e marginalizados, o despojamento da pobreza se deslocava para a libertação do amor e gozo desinteressado tudo (cf. BOFF, 1981, p. 95).

Nos seus escritos, São Francisco expressa a sua concepção de pobreza. Na *Epistola ad fideles – A*”, essa virtude brota da opção por se fazer discípulo de Jesus Cristo como imitador do Senhor: *qui cum dives esset super omnia, voluit ipse in mundo cum beatissima Virgine, matre sua, eligere paupertatem*” (D’ASSISI, 2002, p. 474), pois é o modo de viver o Evangelho e a primeira regra dos frades, conforme a *Regula non bullata, regula et vita istorum fratrum hec est, scilicet vivere in obedientia, in castitate et sine próprio et Domini nostri Ihesu Christi doctrinam et vestigia sequi*” (D’ASSISI, 2002, p. 254). A pobreza franciscana, viver sem nada de próprio, é o modo de seguimento de Cristo, de fato, o santo manifestou na «*Ultima voluntas scripta sancte Clare*»:

Ego frater Franciscus parvulus volo aequi vitam et paupertatem altissimi Domini nostri Ihesu Christi et eius sanctissime matris et perseverare in ea usque in finem; et rogo vos, dominas meas, et consilium do vobis, ut in ista sanctissima vita et paupertate semper vivatis. Et custodite vos multum, ne doctrina vel consilio alicuius ab ipsa in perpetuum ullatenus recedatis (D’ASSISI, 2002, p. 426).

Ao aconselhar a vivência da pobreza, como via franciscana de seguimento de Cristo e sua mãe, à Santa Clara de Assis e às Damas Pobres, S. Francisco expressa a sua ardente e decidida vontade que o fez empreender esse caminho por amor ao Filho eterno de Deus que se fez homem em condições de penúria. É esta pobreza de raiz cristológica que constitui os discípulos como herdeiros do Reino dos céus. Essa motivação espiritual não eximiu o santo de Assis de viver tal virtude em solidariedade com os marginalizados, especialmente os hansenianos, como está escrito no seu «*Testamentum*»

Dominus ita dedit michi fratri Francisco incipere faciendi penitentiam. Quia cum essem in peccatis nimis michi videbatur amarum videre leprosos. Et ipse Dominus conduxit me inter illos et feci misericordiam cum illis. Et recedente me ab ipsis, id quod videbatur michi amarum, conversum fuit michi in dulcedinem animi et corporis (D’ASSISI, 2002, p. 432).

Neste texto se percebe claramente que a sua pobreza solidária com os marginalizados da sociedade, como os hansenianos de sua época, é fundamentada no sentido de ser movido pelo senhorio de Cristo, como sinal de conversão e como obra corporal de misericórdia.

Ainda nas *Fontes Franciscanas* sobressai o «*Sacrum Commercium*» um escrito teológico e místico, segundo Pedroso (1998a, p. 62), inspirado na fé e vida de São

Francisco, no qual ele desposa em bodas espiritual a pobreza de Cristo, após a escuta de sábios que prefiguram o Antigo Testamento e uma íngreme escalada com os confrades ao monte onde habita a pobreza, ele a corteja aos moldes cavalheirescos, a dama pobreza assente e as bodas são celebradas com um paupérrimo e espiritual banquete. Neste, uma das falas mais significativas de S. Francisco, expressa um encômio a pobreza: *Grande è quindi la tua dignità, incomparabile la tua altezza, se lo stesso Signore, lasciati tutti gli Ordini di angeli e le immense Virtù, di cui era grande abbondanza nel cielo, discese nelle plaghe inferiori del mondo per cercare te* (FONTI,1997, p.1638).

2. A recepção de Francisco em Dante e Giotto

Expostos os conceitos franciscanos de alegria e pobreza, fios condutores deste texto, revelando o caráter de S. Francisco de Assis e de seu movimento a partir do século XIII e da Itália, agora cumpre averiguar a recepção da figura de S. Francisco e do seu espírito na cultura italiana dos séculos XIII e XIV, sobretudo na área da produção artística que, também, manifesta uma reflexão ética. Nesse campo, destaca-se o poeta e filósofo florentino Dante Alighieri (1265-1321) e sua «*Divina Commedia*» e o artista plástico de Colle Vespignano, Giotto de Bondone (1267-1337); ambos medievais, enfatizando S. Francisco de Assis em suas obras de arte.

2.1. O São Francisco do *Paradiso* dantesco

O filósofo Cesare Vasoli situa Dante como um pensador que faz síntese entre o teocentrismo medieval e o interesse antropocêntrico. Para Vasoli (1961, p.407): “in lui, la religiosità medioevale e il gusto dell’ardita teologica si accordano senza difficoltà con il piú vivo interesse per il mondo umano e la curiosità delle cose naturali”

Na obra poética de Dante, «*Divina Commedia*» dividida nas partes: *Inferno* (34 cantos), *Purgatório* (33 cantos) e *Paraíso* (33 cantos), a figura de S. Francisco é enaltecida por seu amor ardente a Cristo e pela sua vida de pobreza, no canto XI do *Paradiso*, em um elogio que lhe tece o dominicano Santo Tomás de Aquino, louvor que será retribuído logo no canto seguinte pelo franciscano São Boaventura ao sublimar a virtude da fé e da pregação em São Domingos. Conforme Gilson (2004, p. 233-234): *Dante encomienda a Tomás recordar, en nombre de San Francisco, que los Dominicos también son pobres, y, a Buenaventura, recordar, en nombre de Santo Domingo, que los Franciscanos también son predicadores de la fe.* Trata-se, para Gilson, de uma espécie de crítica velada para que as ordens mendicantes retornassem aos ideais dos seus fundadores.

No Canto XI do *Paradiso*, aparece o elogio a S. Francisco: amado pela pobreza, esposa de Cristo crucificado, conforme a divina Providência: *La provedenza, che governa il mondo/ con quel consiglio nel quale ogni aspetto/ creato è vinto pria che vada al fondo,/ però che andasse ver lo suo diletto/ la sposa di colui ch'ad alte grida,/ disposò lei col sangue benedetto* (ALIGHIERI, 2005, p.234). S. Francisco é comparado no seu amor a Deus a um serafim, ao passo que S. Domingos por sua sabedoria se assemelha aos querubins, conforme se entendia as funções dos nove coros de anjos: *L'un fu tutto serafico in ardore / l'altro per sapienza in terra fue/ di cherubica luce uno splendore* (ALIGHIERI, 2005, p. 234). Dante apresenta S. Francisco como um sol que nasce em Assis e ilumina o mundo: *Però chi d'esso loco fa parole, / non dica Ascesi, ché direbbe corto, / ma Oriente, se proprio dir vole.* (ALIGHIERI, 2005, p. 234-235; tema lembra a profecia do abade calabrês Joaquim da Fiori (cf. Pedroso, 1998a, p. 32-33)). Em seguida, Dante evidencia o momento biográfico em que S. Francisco rejeita a herança paterna, é protegido pela Igreja através do bispo de Assis e a partir daí, por causa do evangelho do Cristo pobre, elege a vida de pobreza, apresentada como dama que, nos tempos de S. Francisco, havia sido esquecida pela cristandade:

Non era ancor molto lontan dall'orto,/ ch'el cominciò a far sentir la terra/ della sua gran virtute alcun conforto;/ ché per tal donna, giovinetto, in guerra/ del padre corse, a cui, come alla morte,/ la porta del piacer nessun diserra;/ e dinanzi alla sua spirital corte/ et coram patre le si fece unito;/ poscia di dí in dí l'amò piú forte./ Questa, privata del primo marito,/ millecent'anni e piú dispetta e scura/ fino a costui si stette sanza invito;/ né valse udir che la trovò sicura/ con Amiclate, al suon della sua voce,/ colui ch'a tutto 'l mondo fe' paura;/ né valse esser costante né feroce,/ sí che, dove Maria rimase giusto,/ ella con Cristo pianse in su la croce./ Ma perch'io non proceda troppo chiuso,/ Francesco e Povertà per questi amanti/ prendi oramai nel mio parlar diffuso (ALIGHIERI, 2005, p. 235).

Nas *Fontes Franciscanas*, a obra espiritual *Sacrum commercium*, sobre o casamento místico de S. Francisco com a *dona Pobreza*, possui estreita semelhança com este fragmento do canto XI. Também, no canto XXII do *Paradiso*, Dante destaca o seráfico e humilde S. Francisco coligado a origem pobre da Igreja no apóstolo Pedro: *ché quantunque la Chiesa guarda, tutto/ è della gente che per Dio dimanda; / [...] / Pier cominciò sanz'oro e sanz'argento, / e io con orazione e con digiuno, / e Francesco umilmente il suo convento*” (ALIGHIERI, 2005, p. 268)

Em seguida, Dante sublinha os primeiros companheiros de S. Francisco, formando os *Frades Menores*: Bernardo, Egídio e Silvestre e, as autorizações concedidas sucessivamente pelos papas Inocêncio III e, mais tarde, Honório III, para a

forma de vida pretendida por S. Francisco e seus companheiros, tornando-os uma ordem religiosa da Igreja.

O desejo de morrer mártir sob o gládio do sultão por Cristo e pelo evangelho, o que não se concretizou, pois, o sultão lhe restituiu a liberdade, revela o amor flamejante a Deus do santo de Assis: *E poi che, per la sete del martiro, / nella presenza del Soldan superba/ predicò Cristo e li altri che 'l seguìro* (ALIGHIERI, 2005, p. 268).

Em seguida, Dante alude aos estigmas de Cristo Crucificado no corpo de S. Francisco, *da Cristo prese l'ultimo sigillo, / che le sue membra due anni portarno* (ALIGHIERI, 2005, p.269). E, dois anos após, a sua morte na humildade, com o seu corpo posto, a seu pedido, nu sobre a terra, morre recomendando aos seus frades fidelidade a *dona Pobreza: a' frati suoi, sí com'a giuste rede, / raccomandò la donna sua piú cara, / e comandò che l'amassero a fede; / e del suo grengo l'anima preclara / mover si volse, tornando al suo regno, / e al suo corpo non volse altra barra* (ALIGHIERI, 2005, p.269).

2.2 A expressão de S. Francisco na arte de Giotto

Conforme Marcoaldi (2012) e Panza (2012), o filósofo italiano Massimo Cacciari, com a obra *«Doppio Ritratto: San Francesco in Dante e Giotto»* (2012), compara a recepção da figura histórica e piedosa de S. Francisco nas obras artísticas de Dante e Giotto, acentuando suas peculiaridades. No canto XI do *Paradiso* de Dante, a partir do encômio de Sto. Tomás, São Francisco é apresentado abrasado no desejo do martírio por Cristo e em núpcias místicas com a dona Pobreza. Nos 28 afrescos de Giotto na Basílica Maior de Assis, sobressai o São Francisco de modos cortesês e litúrgicos, porém em comunhão com a natureza, e com o Criador. No entanto, Cacciari observa nos afrescos de Giotto a expressão de uma possível divergência entre o carisma original de S. Francisco, com a sua vida de simplicidade e pobreza, e o Franciscanismo imposto pela instituição eclesial que passaria ao largo das origens do movimento. Os afrescos de Giotto por imposição da biografia oficial de São Boaventura como motivo, não estaria conectada com o São Francisco histórico (Hermenêutica, presente já no início do século XX num escrito do franciscano Paul Sabatier, foi criticada oficialmente pelo teólogo J. Ratzinger quando papa Cf. Bento XVI, 2010).

Para Prette e Giorgis (2005, p. 113), *Giotto affronta la realtà, guarda al vero, osserva lo spazio, il movimento dei corpi e il loro rilievo plastico. [...] usa questi dati della percezione per creare il proprio linguaggio espressivo; [...] per comunicare il senso del sacro e il contenuto dei valori cristiani ai suoi contemporanei.*

Os 28 afrescos franciscanos de Giotto e seus colaboradores, conforme Fernando Uribe (1997, p. 99-104), na Basílica Maior de Assis, estão seguindo a narrativa da biografia do santo eleita pela Igreja como a versão oficial: a «*Leggenda Maggiore*» de S. Boaventura, escrita, segundo Pedroso (1998a, p. 32-33), com o intuito de combater os frades que viam em Francisco e no seu movimento uma encarnação de uma profecia de Joaquim da Fiori: a era do Espírito que suplantaria a era do Filho e da Igreja institucional.

Segundo Uribe (1997, p. 99-104), as cenas da vida de São Francisco, reproduzidas por Giotto e sua equipe nos afrescos da Basílica Maior de Assis, são inspiradas nas respectivas citações dos escritos hagiográficos de São Boaventura:

- 1- Homem simples estende manto aos pés do jovem S. Francisco (LM 1,1);
- 2- S. Francisco veste um pobre cavaleiro (LM 1,2);
- 3- S. Francisco sonha com um castelo com armas para si e os seus (LM 1,3);
- 4- O crucifixo fala com S. Francisco (LM 2,1);
- 5- S. Francisco se despe e renuncia a herança paterna (LM 2,4);
- 6- O sonho de Inocêncio III com S. Francisco sustentando a Basílica de Latrão (LM 3,10);
- 7- Inocêncio III recebe S. Francisco e companheiros e lhes a prova a Regra (LM 3, 10);
- 8- Os frades em Rivotorto têm a visão de S. Francisco arrebatado num carro de fogo, como Elias (LM 4,4);
- 9- Frei Pacífico vê o trono glorioso reservado no Céu a S. Francisco (LM 6,6);
- 10- S. Francisco exorciza os demônios de Arezzo (LM 6,9);
- 11- S. Francisco propõe o desafio da fogueira ao Sultão (LM 9,8);
- 12- Arrebatamento orante de S. Francisco (LM 10, 4);
- 13- A celebração do Natal (LM 10,7);
- 14- S. Francisco faz brota uma fonte a um camponês (LM 7,12);
- 15- S. Francisco prega aos pássaros (LM 12,3);
- 16- S. Francisco prediz a morte de um cavaleiro que se arrepende (LM11,4);
- 16- S. Francisco prega para o papa Honório III e sua corte (LM 12,7);
- 18- S. Francisco abençoa um capítulo presidido por Sto. Antônio (LM 4, 10);
- 19- Impressão dos estigmas em S. Francisco (LM 13,3);

- 20- Morte de S. Francisco (LM 14,6);
- 21- Visão de S. Francisco por Frei Agostinho e pelo bispo de Assis (LM 14,6);
- 22- Um cavaleiro de Assis examina os estigmas do santo (LM 15,4);
- 23- Sta. Clara e as Irmãs se despedem do corpo de S. Francisco (LM 15,5);
- 24-Canonização de S. Francisco (LM 15,7);
- 25- S. Francisco aparece ao papa Gregório IX (LM mil 1,2);
- 26- Cura de um homem por intercessão de S. Francisco (LMmil 1,5);
- 27- Uma mulher ressuscita e se confessa (LM Mil 2,1); e
- 28- Pedro, acusado de heresia, recupera a liberdade (LMmil 5,5).

Na arte de Giotto, quase não há alusão aos pobres¹ e a expressão do rosto do santo de Assis se manifesta com serenidade, paz, piedade e conformação, mas não transborda de excessiva alegria (*hilaritate*). Ao passo que no canto XI, do *Paradiso* de Dante, a alegria de S. Francisco se mostra nos motivos de *Francisco-sol que nasce* e no seu amor seráfico ou fervente por Deus e a virtude da pobreza está bem ressaltada na alusão ao seu esponsalício com a pobreza de Cristo.

Considerações finais

Dado o exposto, pode-se verificar como o ideal cristão concebido e praticado pelo *Poverello* de Assis, não apenas inspirou e plasmou a vida eclesial e piedosa da cristandade italiana ao fim do medievo, mas incidiu seus motivos no próprio coração das artes literária e plástica, fomentando uma síntese da cultura medieval em diálogo com as nascentes do Humanismo e do Renascimento e com as origens da língua e do estilo italianos das artes visuais, aprimorados no período seguinte, com ênfase no humano, no movimento e na perspectiva, perante a iluminação divina que, nesse ínterim, não mais sacrifica o humano para a glorificação do transcendente; porém, torna o ser humano plenamente humano como manifestação da beleza da criação e da redenção manifesta no dado positivo do mundo e da matéria, assumidos pelo Filho de Deus encarnado, morto e ressuscitado. Estes são mistérios da fé recebidos na alegria e na pobreza estandardizados por São Francisco e transmitidos no seu legado que reconcilia as culturas sacra e profana de seu tempo em diante.

¹ Para Elise Spínola (2019), os hanseianos e pobres possivelmente aparecem na pintura franciscana de Giotto no afresco 13 que representa o natal, quando os mais pobres aparecem através da porta do lado externo do templo e no afresco 15, no sermão de S. Francisco as aves, lembrando que em algumas lendas medievais os pobres são representados pelos pássaros.

Referências bibliográficas:

- ALIGHIERI, Dante. *La Divina Commedia*. 2005. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1-lqUFTqo5yxvp-WuguAP4MRSub4tyrkl/view> Acesso em 28 dez. 2018.
- BENTO XVI, *AUDIÊNCIA GERAL - Quarta-feira, 27 de janeiro de 2010 sobre São Francisco de Assis* http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2010/documents/hf_ben-xvi_aud_20100127.html
- BOFF, L. *São Francisco de Assis*. Ternura e vigor: uma leitura a partir dos pobres. Petrópolis: Vozes, 1981.
- BOUGEROL, J. G. Alegria: verbete. In: CAROLI, E. (org.). *Dicionário Franciscano*. Petrópolis: Vozes; CEFEPAL, 1993, p. 43-48.
- CHESTERTON, G. K. *São Francisco de Assis*. Campinas: Ecclesiae, 2014.
- FONTI FRANCESCANE. v. 1. Assisi: Movimento Franciscano, 1997.
- FRANCESCO D'ASSISI. *Scritti*. Texto latino e tradução italiana. Padova: Editrice Francescane, 2002.
- GILSON, Étienne. *La filosofia en la Divina comedia*. Navarra: EUNSA, 2004. p.228-237.
- HARDICK, L. Pobreza: verbete. In: CAROLI, E. (org.). *Dicionário Franciscano*. Petrópolis: Vozes; CEFEPAL, 1993, p.586-599.
- MARCOALDI, F. *São Francisco*. Entre Giotto e Dante, 2012. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/507625-sao-francisco-entre-giotto-e-dante> Acesso em: 28/12/2019.
- PANZA, P. *O São Francisco de Dante e Giotto*, 2012. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/172-noticias/noticias-2012/507834-o-sao-francisco-de-dante-e-giotto> Acesso em: 28/12/2019.
- PEDROSO, J. C. C. *Fontes Franciscanas: apresentação geral*. Piracicaba: C. F. E., 1998a.
- PEDROSO, J. C. C. *Projeto Franciscano de Vida*. Piracicaba: C. F. E., 1998b.
- PRETTE, M. C.; GIORGIS, A. de. *La storia dell'arte*. Dalle origini ai giorni nostri. Firenze: Giunti, 2005.
- URIBE, F. *Pelos caminhos de Francisco de Assis*. Petrópolis: FFB, 1997.
- VASOLI, C. *La filosofia medioevale*. Milano: Feltrinelli, 1961.